CONTO

A HERANÇA

(1.º PRÉMIO DOS JOGOS FLORAIS DO CDCR/89)

A porta do quarto rangeu, como de costume, dando lugar a um espaço adormecido numa solidão de vinte anos.

Um clic mágico iluminou tenuemente os contornos macios de um mobiliário antigo, herdado da avó e da mãe — coisas de mulheres. Embora adquiridos em épocas diferentes, possuiam algo de comum — — a madeira castanha, evocando bosques lendários, de sombras e ruídos estranhos. Ela própria continuara a preservar essa linha decorativa com cheiro a resina. Há pouco tempo, adquirira num leilão, uma cómoda pequenina cheia de gavetas, portadoras de segredos. Ficara fascinada pelo espelho oval, de aspecto silencioso e cúmplice, sobriamente adaptado ao conjunto.

Sentia que aquele quarto era uma espécie de guardador de relíquias em sequência diacrónica — livro pausadamente paginado.

Nas paredes caiadas e limpas, sombras gigantes pululam em vai-vem de cortina empurrada pelo sopro forte e quente do vento leste.

Estava segura e protegida naquela cama de ferro preto em dourados de latão. Ali, nada de mal lhe acontecia — era o seu refúgio sagrado. Numa estante de canto, verticalmente colocados, os livros-companheiros de noites, bem ou mal dormidas. Quantas vezes acordara com os óculos na ponta do nariz e a mão segura numa página, marcando a interrupção da leitura.

Quase todos os dias dialogava com a velha máquina de escrever, inerte junto da janela de persianas verdes. O ritmo cadenciado e alucinante da pressa em acompanhar as palavras que corriam na mente, faziam-na desesperar.

Os dedos não conseguiam a rapidez ideal e ficava até altas horas, sem sono, esquecida, a preencher folhas de papel virgem, guardadas posteriormente em dossiers sem nome.

Um sorriso transparecia-lhe dos lábios quando imaginava a surpresa que seria ao descobrirem, depois de morta, os seus escritos.

Seria mais uma escritora incógnita. Um dia, escrevera à luz bamboleante da vela, uma questão de encenação.

Uma tossezinha irritante surgiu provocando-lhe o riso. Levou a mão junto da testa tentando encontrar um sintoma febril. Mesmo gostando de absinto, não chegara a tanto. O que não poderia negar, é que sentia o abandono e a angústia, misturados com o êxtase de se sentir só. Talvez fosse o sentimento dos poetas, uma espécie de prazer/angústia, onde as palavras se soltam sem regras.

Hoje não iria escrever. Estava um calor de morte — sufocante.

O vento que varrera o dia, continuara pela noite dentro transportando areias vindas do deserto mais próximo. O leste deixara toda a gente seca e pegajosa. Paisagem irreal onde as montanhas ficavam encobertas, delineando-se vagamente as arestas, como se estivessem tapadas por papel de seda. O mar levantava-se em espumas rebentando em estrondos rochosos, negros e íngremes. Calhaus rolavam, formando praias inacessíveis, onde gaivotas estonteadas dançavam a valsa do vento.

O horizonte esbatia-se numa luz indefinida, esperando o Desejado.

Surgia-lhe então a saudade bem portuguesa.

Quando criança, costumava olhar o mar da janela do quarto da avó e via-se esperando um barco que não chegava, numa praia de areia amarela que não existia — um barco que nunca chegou. Então, voltava para dentro e escrevia histórias fantásticas, de tesouros e amores de rainhas.

Levou-as para a escola e a professora afirmou que era feio mentir.

Sentada em frente do espelho, de cotovelos espetados na cómoda e mãos cobrindo o rosto, disse em voz rouca: «Também eu tenho uma veia sebastianista».

Talvez, passara a viver um presente à sombra do passado não muito longínquo. O futuro era palavra interdita, por vezes equacionado na fórmula do seu tempo, somatório no resultado e uma operação — a vida.

Desde muito nova sentia a confusão de emoções. Acalmava-se quando escrevia, ou rabiscava bonecos num papel qualquer. Diziam que tinha alma de artista.

Quando jovem, andara pelo teatro. Lera sofregamente a Casa de Bernarda Alba e vivera todas as personagens. Nunca chegara a interpretá-las, ficara com um papel, no Amor de D. Perlimpim. Recordava-se dos suores frios numa noite de estreia, dos beijos entre lágrimas e do cheiro das rosas. Fizera amizades que se diluiram em anos guardados num velho álbum de recortes e imagens. Depois, foram os estudos terrivelmente compridos com diploma selado e carreira prometedora.

Há muitos anos fizera uma aposta, seria aquilo que os outros não foram.

Nascera numa família de mulheres, onde os homens partiram cedo. A avó, vinda lá das raias de Espanha, trouxera até Lisboa o frio agreste das montanhas rudes e o gosto quente dum fumeiro. Sozinha na cidade branca, percorrera as cozinhas dos franceses em salamaleques de subserviência. As filhas cresceram entre ruas estreitas e carris de eléctricos, tendo como pano de fundo o azul de um Tejo. Trocaram os ovos de pomba por amêndoas moles e doces, o sossego dos lameiros por pregões de varinas. Durante vários anos, três mulheres sonharam com rostos de seda e suor de cansaço, acordadas pelo picar da agulha em tecidos de tafetá.

Um amor mal compreendido, roubou a mais bonita e trouxe-a à terra distante, preenchida de água e abismos. O homem que lhe trouxera flores, desaparecera num barco para o Brasil. A um canto da mesa de vimes, um envelope verde e amarelo permaneceu anos a fio — o único, sem endereço para resposta. Dentro, meio folha de papel branco dizia, em letra de primária, uma frase curta e precisa «Cheguei, depois escrevo» por baixo um nome.

Os dias calmos passaram e as filhas cresceram com a história verdadeira, contada em serões quentes de cacau e cobertor nos joelhos. Três mulheres novamente juntas, vivendo nas suas próprias raízes. Dividiram os maus dias e abraçaram-se quando a mais nova chegou ao 7.º ano.

Tinham conseguido ganhar a aposta do viver só, de contar as fatias de pão bem divididas, sem vender o corpo, nem a alma. Mais tarde, a mãe contou-lhes que muitas ajudas foram oferecidas e recusadas. Tinha mãos para trabalhar e uma vontade enorme em dizer estou aqui.

Passou a mão no rosto e olhou o espelho oval.

Tinham-lhe exigido uma eterna juventude. Tudo estava assim programado.

Mesmo sem cremes, mantinha a pele lisa — receita da avó (limão, leito morno e mel). O corpo mantinha-se esbelto e, mesmo aos quarenta, ouvia um assobio de vez em quando. Tinha de admitir que as mentalidades não mudam quando as pessoas querem. Isso lembrava-lhe o tempo de Faculdade, um tempo longínquo, pago a todo o custo. A bolsa não chegava e a outra bolsa estava vazia. Trabalhou desalmadamente. Hoje, era uma mulher com um lugar ao Sol, competente, de fácil diálogo, exigente, sem rugas e só.

Um dia tivera um amor. Uma passagem obrigatória, paga em nome do «Dever pela Pátria», levou-o num barco cinzento, deixando-a no cais, gelada e sem lágrimas. Guardava aerogramas bolorentos, franzidos pelo amarrotar da raiva.

Olhou novamente o espelho.

O vento soprou com mais força e uma madeixa de cabelo solto esvoaçou levemente, denunciando fios brancos. Ficava-lhe bem. A avó deixara-os cobrir a cabeça, como se algodão fosse. Ela faria o mesmo. Levantou-se e foi até à janela.

Como se lembrava dele.

Depois foram todas aquelas histórias, onde se perdeu, até ao dia em que olhou para aqueles móveis e pensou que não partilharia nada.

A verdade estava ali. A sua verdade estava quase a chegar.

Tirou os sapatos, abriu as persianas, olhou para o jardim verde. Uma criança subia, de sacola às costas.

Chamou-a para o lanche.

Passou levemente a mão no móvel mais próximo. Tinha de conservá-lo a todo o custo. Afinal, teria de deixá-lo como herança. ■

LÍLIA: O DESAFIO DA ILHA

Escolheu para si o pseudónimo de «ilhéu»: aceitou totalmente o desafio da ilha. Como o interminável diálogo — ou confronto — entre a rocha e o mar, entre a montanha e o céu, na ilha da Madeira, Lília não pára nunca. Multifacetada, desdobra-se em várias actividades: o teatro, a literatura, a rádio, a televisão, o jornalismo, a Universidade... tudo na Madeira que é, ao mesmo tempo, pequena e grande demais. No universo da cultura, em que Lília se desloca com desenvoltura e paixão, de um campo para o outro, os acontecimentos são escassos. Mas também é raro encontrar gente disposta a entregar-se. «***A cultura não é rentável — — como o turismo***», diz Lília com alguma amargura. E tudo o que faz, com tanta intensidade, tem sempre o ar de uma pedrada no charco.

Lília João de Freitas, 33 anos, natural do Funchal, uma filha com 12 anos, há 15 que trabalha na Empresa. Entrou para o estágio de TEX ainda menor, fez os 18 anos a tempo de ser admitida no quadro. Foi 4 anos para o campo — Ribeira Brava — e depois para a Estação do Campanário, que hoje já não existe. Em 82 voltava a trabalhar no Funchal, primeiro na Comercial, depois no Apoio Administrativo da Direcção de Coordenação da Madeira. Lília diz, entre séria e a brincar, que a sua relação com a Empresa é como um casamento antigo e enraizado: a paixão foi-se apagando, em seu lugar foram-se tecendo os laços da fidelidade.

É veterana nos Jogos Florais do CDCR. A primeira vez que concorreu, há 4 anos, os Jogos eram no Funchal e tinham a ilha como tema do conto. Lília ganhou o primeiro prémio. A segunda vez, os Jogos eram em Faro, e Lília ganhou o 1.º prémio de poesia, e o 2.º e o 3.º de conto. Nos Jogos de Ofir, voltou a concorrer com um conto — o tema era a Mulher — e voltou a ganhar.

A primeira vitória, há 4 anos, foi como um empurrão. «***Foi a primeira vez que consegui mandar para a rua, para a apreciação dos outros. Até aí, estava entre a família e os amigos***». Acha que estes jogos são como um teste. «***Há um júri que não me conhece de lado nenhum, para ele eu sou apenas um pseudónimo que não quer dizer nada. Isto para mim tem um sentido***».

A contar pelas coisas que já fez, poderia quase ter o dobro da idade. Depois de experimentar Artes Plásticas, ainda no campo, lançou-se no Teatro, pela mão de colegas dos Correios. Das vezes que subiu ao palco, a que mais a atravessou foi quando representava «As criadas», de Jean Genet, que «***exigiu muito de todas as mulheres que entraram***».

Participou em sessões de poesia e lançamentos de livros, escreveu e foi protagonista de um texto para a Televisão — — «Um dia em cada ano». Também para a Televisão Regional, está a trabalhar num projecto que já foi aceite: trata-se de um diálogo entre a ilha — no feminino — e o poeta — no masculino.

Colabora com o «Diário de Notícias» da Madeira. Uma das últimas colaborações de fôlego resultou de uma investigação sobre o famoso assalto ao navio Santa Maria.

Durante dois anos fez rádio, um programa chamado «Rádio Universitária» a meias com um colega da Universidade.

Quando começou a trabalhar nos CTT, tinha feito o 5.º ano do liceu. Agora frequenta o 3.º ano de Línguas e Literaturas Modernas, que no Funchal funciona do «avesso»: as aulas são aos domingos, feriados, férias. Os professores vêm de Lisboa dar aulas, o que torna o curso tão cansativo como apetecido.

Na ilha vive-se um tempo diferente, diz ela. A vida demora-se mais. Os sítios estão todos perto, Lília desloca-se sem esforço, como que passeando, de um lado para o outro. O espaço da ilha intervém no tempo, amplia-o, transforma-o num tempo rural. Não é preciso apanhar transportes públicos.

Mesmo assim, chega à conclusão que tem que seleccionar os seus interesses. «***Não posso estar em todo o lado, e chego sempre àquela conclusão de não ter esgotado as coisas***».

Mas as muitas coisas que ela não esgotou, também não conseguiram esgotá-la a ela. Continua a entregar-se, com trinta e três anos, um sorriso quase ainda de criança, de espanto e confiança, e a experiência de uma vida. ■